



Correspondência aos Autores

Francisco Canindé da Silva
E-mail: caninprof@hotmail.com
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
CV Lattes
<http://lattes.cnpq.br/2648756864112363>

Brenda Chaves Diógenes
E-mail: brendadiogenes@hotmail.com
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
CV Lattes
<http://lattes.cnpq.br/7870589430121634>

Submetido: 22 abr. 2021

Aceito: 09 jun. 2023

Publicado: 11 jun. 2023

 10.20396/riesup.v11i00.8673556
e-location: e025005
ISSN 2446-9424

Checagem Antiplagiarismo



Distribuído sobre



Avaliação da aprendizagem no ensino superior/curso de Pedagogia: acontecimentos cotidianos como processo outro de construção de conhecimentos

Francisco Canindé da Silva  <https://orcid.org/0000-0002-5082-6383>

Brenda Chaves Diógenes  <https://orcid.org/0000-0001-8761-5646>

RESUMO

Introdução: Para a realização deste trabalho acerca de práticas de avaliação da aprendizagem no curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, opta-se por realizar um mergulho com todos os sentidos nos cotidianos dos professores e alunos. **Objetivo:** Para tanto, objetiva-se perceber acontecimentos avaliativos que se caracterizam relevantes ao debate envolvendo a formação do pedagogo/professor em contextos não autorizados. **Metodologia:** Para que este processo seja possível, assume-se a abordagem das pesquisas *nosdoscum* os cotidianos, na busca por desinvisibilizar, valorizar e potencializar práticas avaliativas fugidias, desviantes e astutas, capazes de driblar regras e produzir aprendizagens. Fundamentados em concepções democratizantes de educação e avaliação, realizam-se mergulhos nos cotidianos, registrando, por meio do Diário de Pesquisa, práticas outras que se traduziam em acontecimento avaliativo. **Resultados:** Como principais achados, percebeu-se uma diversidade de maneiras outras de avaliar, vivenciadas nos cotidianos do curso, expressando-se como práticas possíveis de reflexão crítica e desenvolvimento da autonomia docente no processo de formação inicial de professores no curso de Pedagogia. **Conclusões:** As práticas de avaliação consideradas marginais e desinvisibilizadas pela ação indiciária assumida pelos pesquisadores não somente apontam para processos formativos emancipatórios, mas também colaboram na construção de uma identidade profissional docente dinâmica e capaz de articular o que não é visível e mensurável à lógica dominante de educação.

PALAVRAS-CHAVE

Avaliação da aprendizagem. Cotidianos. Curso de pedagogia.

Evaluation of learning in higher education/pedagogy course: daily events as another process of knowledge construction

ABSTRACT

Introduction: For the accomplishment of this work about the evaluation practices of learning in the Pedagogy course of the University of the State of Rio Grande do Norte, it is chosen to realize a dive with all the senses in the quotidian of the teachers and students. **Objective:** For this, it is aimed to perceive evaluative events that are relevant to the debate involving the formation of the pedagogue/teacher in unauthorized contexts. **Methodology:** In order for this process to be possible, we assume the research approach of everyday life, in the search for making non-visible, valuing and empowering evasive, deviant and cunning evaluative practices, capable of bypassing rules and producing learning. Based on democratizing conceptions of education and evaluation, we went deep into the daily routine, recording, through the Research Diary, other practices that translated themselves into evaluative events. **Results:** As principal findings, a diversity of other ways to evaluate was perceived, experienced in the daily routine of the course, expressing themselves as possible practices of critical reflection and development of teaching autonomy in the process of initial formation of teachers in the Pedagogy course. **Conclusions:** The evaluation practices considered marginal and invisible by the indicative action assumed by the researchers not only point to emancipatory formative processes, but also collaborate in the construction of a dynamic professional teacher identity, capable of articulating what is not visible and measurable to the dominant logic of education.

KEYWORDS

Learning evaluation. Everyday life. Pedagogy course.

Evaluación de los aprendizajes en la educación superior/enseñanza de pedagogía: los hechos cotidianos como un otro proceso de construcción del conocimiento

RESUMEN

Introducción: Para realizar este trabajo sobre las prácticas de evaluación del aprendizaje en la carrera de Pedagogía de la Universidad Estatal de Rio Grande do Norte, se optó sumergirse por completo en el cotidiano de profesores y alumnos. **Objetivo:** Por lo tanto, el objetivo fue percibir eventos evaluativos que se caracterizaron como relevantes para el debate que involucra la formación del pedagogo/profesor en contextos no autorizados. **Metodología:** Para que este proceso fuese posible, se asume el abordaje de la investigación en nosotros con la cotidianidad, en la búsqueda de invisibilizar, valorar y potenciar prácticas evaluativas esquivas, desviadas y astutas, capaces de eludir reglas y producir aprendizajes. A partir de concepciones democratizadoras de educación y evaluación, se realizó una inmersión en la cotidianidad, registrando, a través de la Revista de Investigación, otras prácticas que se tradujeron en un evento evaluativo. **Resultados:** Como principales hechos, se percibió una diversidad de otras formas de evaluar, experimentadas en el cotidiano del curso, expresándose como posibles prácticas de reflexión crítica y desarrollo de la autonomía docente en el proceso de formación inicial de docentes del curso de Pedagogía. **Conclusiones:** Las prácticas de evaluación que han sido marginadas e invisibilizadas por la acción probatoria asumida por los investigadores no solo apuntan a procesos formativos emancipadores, sino que colaboran en la construcción de una identidad profesional docente dinámica capaz de articular aspectos no visibles y medibles dentro de la lógica predominante de la educación.

PALABRAS CLAVE

Evaluación del aprendizaje. Cotidianidad. Curso de pedagogía.

CRedit

- **Reconhecimentos:** CAPES CNPQ.
- **Financiamento:** CAPES CNPQ.
- **Conflitos de interesse:** Não aplicável.
- **Aprovação ética:** Não aplicável.
- **Disponibilidade de dados e material:** <https://propeg.uern.br/poseduc/default.asp?item=poseduc-apresentacao>
- **Contribuições dos autores:** Conceitualização, Curadoria dos dados, Metodologia, Análise formal, Redação e Investigação, Validação – Silva, F. C.; Diógenes, B. C.

Editoras de Seção: Maria de Lourdes Pinto de Almeida e Charlene Bitencourt Soster Luz

Introdução

É indispensável que os estudantes em curso de formação inicial de professores entendam/reconheçam o significado e a relevância que a avaliação tem e como pode interferir em sua vida pessoal, acadêmica e profissional, uma vez que as práticas avaliativas e educativas estão interligadas, com o objetivo de constituir um perfil de egresso, por meio de ações que se completam ao final do processo de ensino-aprendizagem acadêmico. Pressupomos que este ato político¹ e pedagógico² deve ser vivenciado com intensidade em todo o percurso formativo, especificamente, quando se trata da formação docente a partir do curso de Pedagogia.

Aprendendo como pesquisadores cotidianistas³ narram, de maneira implicada, suas histórias (mergulhando com todos os sentidos nos *espaços-tempos* da educação formal), como se entrelaçam com os praticantes, sujeitos ordinários do cotidiano, e valorizam suas táticas operacionais (CERTEAU, 2011), discutimos, com apoio nesta perspectiva teórica, como práticas avaliativas desviantes, no dizer ceriteuniano, geram processos de emancipação, nos sujeitos envolvidos, coerentes com suas reais necessidades. O formato prescritivo de avaliação cede espaço à performatividade docente e discente desviante, próprio de quem opera no campo de guerra, taticamente, transformando objetos e situações comuns disponíveis em possíveis.

Acreditamos que, na universidade, esses movimentos pedagógicos são mais democratizantes, especialmente em cursos de licenciatura, garantindo práticas avaliativas de aprendizagem coerentes com a realidade dos estudantes. Observamos que essas práticas se fundamentam em perspectivas interdisciplinares, com ênfase na diversidade, estabelecendo como objetivo a construção de conhecimentos críticos e reflexivos para que os formandos possam compreender e desenvolver capacidades argumentativas de participação em debates políticos e sociais no mundo em que vivem, de maneira mais consciente. Assim, as avaliações devem pautar-se nos sentidos da compreensão social, política, epistemológica e cognitiva que acolham experiências acerca do que foi aprendido nas trajetórias individuais e coletivas dos sujeitos, como conteúdo relevante no processo formativo acadêmico, e não somente restringir-se ao conteúdo teórico previamente definido, exigindo do estudante uma taxionomia de respostas refutáveis ou de confirmação.

A natureza política e epistemológica à qual nos referimos é a de que as avaliações da aprendizagem devem ser *pensadas-praticadas* (OLIVEIRA, 2012), no sentido de uma formação humana que atenda a uma sociedade heterogênea, de saberes diversos, múltiplos e

¹ Por ser uma prática de decisão do professor que interfere e colabora na formação e educação de um determinado tipo de profissional, a avaliação da aprendizagem consolida-se como instrumento educativo, e toda ação educativa é política, porque interfere no pensar e agir democraticamente.

² No sentido que a avaliação tem um significado muito importante para o professor, pois, através dela, ele obtém uma resposta sobre os avanços e os retrocessos dos alunos em relação ao conhecimento e, por meio de resultados, pode adequar suas práticas pedagógicas para ajudar os discentes a progredirem.

³ Pesquisadores que têm no cotidiano o espaço-tempo fértil de realização de pesquisas, mesmo entendendo os riscos que correm, pela efemeridade em que este cotidiano se constitui.

vinculados a uma historicidade, sendo mais justa e equânime, configurando-se por meio de procedimentos que proporcionem a autonomia moral e intelectual dos indivíduos.

Compreendemos, portanto, que toda reflexão envolvendo a temática deve ser compreendida como inicial e aberta, visto que os sentidos são sempre emergentes, exigindo uma análise cuidadosa dos diferentes contextos em que é tecida e dos objetivos a que se propõe. Nos cursos de licenciatura, um dos fatores em que a avaliação mais se implica é a própria ideia de formação profissional docente. Desse modo, avaliam-se capacidades possíveis de serem trabalhadas no exercício das práticas educativas.

Entendemos que, no curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), a avaliação da aprendizagem tem papel relevante na produção de conhecimento dos estudantes e consequência direta na sociedade na qual estão inseridos, podendo qualificá-los crítica e reflexivamente para o mundo do trabalho – para a prática profissional docente.

Para fazer uma reflexão relativa a esse processo vivenciado no curso de Pedagogia da UERN, organizamos o trabalho em momentos-movimentos que se complementam, a saber: no primeiro movimento, apresentamos os fundamentos das pesquisas *nosdoscom* os cotidianos, abordagem teórico-metodológica que enlaça, para discussão e construção de dados, indícios, táticas e processos invisibilizados pela lógica dominante de fazer pesquisa. No segundo movimento, dialogamos com alguns desses indícios, táticas e processos produzidos ao longo da pesquisa, a fim de elucidar o objetivo proposto neste trabalho. Por último, reiteramos nossa crença nas avaliações da aprendizagem enquanto acontecimento e prática desviante de docentes e discentes, que podem sofrer “soldaduras” as avaliações mais pontuais.

As pesquisas *nosdoscom* os cotidianos articulando as invisibilidades

Assumimos como abordagem teórico-metodológica as pesquisas *nosdoscom* os cotidianos (OLIVEIRA, 2012), por entendermos que existe uma preocupação latente com aspectos invisibilizados da realidade cotidiana que não devem ser simplesmente ignorados quando os vivenciamos – sentimos, cheiramos, ouvimos, vemos diferentes maneiras de fazer dos praticantes, especialmente a maneira como se reapropriam daquilo que lhe é dado estrategicamente para consumo no sistema educativo institucionalizado (CERTEAU, 2011).

A compreensão das pesquisas *nosdoscom* os cotidianos responde às minuciosidades, a não-lugares, resistências que os praticantes cotidianos invencionam, subvertem, possibilitando-nos construir problemáticas de pesquisa de outros ângulos, com outros olhares, sensibilizando-se com a produção de saberes-fazeres que acontecem fora da interpretação dominante de ciência. Essa abordagem teórico-metodológica de pesquisa aprofunda o mundo dos significados, destacando valores, crenças, motivações e atitudes próprias dos grupos e das circunstâncias em que se produzem, sendo realizada quando os códigos das ciências dominantes são incapazes de envolver a totalidade aberta que constitui a realidade social.

Reconhecemos que os *espaços-tempos* cotidianos são fontes criadoras de conhecimentos, pois neles os praticantes fabricam, no dizer certeuniano, diversas práticas pedagógicas que vão além do que se é estabelecido por normas ou regras fixadas *a priori*. Vivenciar esses processos cotidianos com os praticantes colaboradores – docentes e discentes do curso de Pedagogia da UERN/*Campus* Central – possibilitou a produção de outros conhecimentos, com características mais solidárias, visto que nestes *espaços-tempos* a diversidade de saberes emergia caótica e continuamente, o que é próprio de sistemas que se organizam democraticamente.

Certeau (2011), ao conceber os cotidianos sociais e culturais enquanto *espaço-tempo* de cruzamento de saberes, enfatiza o olhar no acontecimento, naquilo que é transitório, fugidio, saltitante e sem o qual a totalidade não é viável. Essa constituição cotidiana dos entrelugares enquanto acontecimento mobilizou-nos a perceber e a destacar, nos cotidianos da pesquisa, *acontecimentos avaliativos* produzidos entre professores e alunos.

Compreendemos que as diferentes práticas criadas nos cotidianos do referido curso – sala de aula, corredores, espaço de convivência –, percebidos como acontecimento, no contexto das práticas avaliativas, no ensino superior, são maneiras de criação ou de reapropriação dos *espaços-tempos* cotidianos em que professores e alunos ressignificam sua realidade político-pedagógica. A preferência por conceber práticas avaliativas sob a ótica de concepções “certeunianas” enriquece as reflexões sobre processos avaliativos no ensino superior, pois considera trajetórias traçadas pelos praticantes em seus espaços sociais, revelando-se, pela multiplicidade de saberes, atitudes e responsabilidades que defendem um percurso formativo plural.

Para realizar um trabalho com/nos cotidianos escolares, Alves (2008) considera fundamental nos percebermos implicados com a pesquisa, mergulhando nos cotidianos com todos os sentidos, visto que aquilo que se passa sem nada parecer passar constrói-se de movimentos, momentos e acontecimentos, e não seria diferente nas circunstâncias deste estudo.

Mergulhar com todos os sentidos nos cotidianos é um dos caros movimentos das pesquisas *nosdoscom* os cotidianos, inicialmente, experienciado por Alves (2008) para capturar o *sentimento de mundo* tecido nos cotidianos da educação. Nesse movimento metodológico, a pesquisadora busca decifrar o pergaminho que são os cotidianos das escolas, atenta aos espaços e ações invisibilizados pela lógica dominante de conhecimento, prática reforçada pelo que foi aprendido, em nossa jornada de pesquisa, com Santos (2002, 2009).

Adotamos esse pressuposto e realizamos, nos meses de novembro e dezembro de 2019 e fevereiro e março de 2020, mergulhos nos cotidianos do curso de Pedagogia, do *Campus* Central da UERN, percebendo como a avaliação é praticada pelo grupo de professores colaboradores da pesquisa, e como é sentida e reinventada pelos alunos.

Nosso envolvimento com/nos cotidianos do curso de Pedagogia, espaço em que a avaliação está permanentemente presente, foi vivenciado sem as boias do conhecimento hegemônico instituído e institucionalizado (ALVES, 2008). Participamos efetivamente de práticas avaliativas sem exercer um olhar neutro a que fomos ensinados a praticar em campos de pesquisa, segundo a lógica das ciências cartesianas. Nas pesquisas *nosdoscom* os cotidianos, aprendemos com as situações existentes e com aquelas que emergem nas circunstâncias, garantindo ao pesquisador de olhar implicado ver para além do certo ou do errado.

Quando olhamos de fora e não sentimos, ouvimos e enxergamos o que se passa no interior desses cotidianos, temos uma ideia limitada das experiências e das itinerâncias de seus praticantes, pois, na vida cotidiana, todos os detalhes são ricos e fundamentais para identificar o que nela ocorre, desde a repetição até a criação de rotinas específicas concebidas pelos usuários.

Nos mergulhos realizados nos cotidianos dos sujeitos colaboradores da pesquisa – docentes e discentes –, percebemos a fabricação de *táticas* (CERTEAU, 2011) em sala de aula, especificamente, na ação dos professores, ao redimensionarem encaminhamentos avaliativos em detrimento das necessidades dos alunos que, em sua maioria, são jovens e adultos trabalhadores que cursam Pedagogia no turno da noite.

A fabricação de *táticas*⁴ nos cotidianos do curso de Pedagogia é constante, visto que esses *espaços-tempos* são frequentados por estudantes de diferentes grupos sociais, econômicos, culturais e políticos, cujo perfil precisa ser considerado no processo de aprendizagem e ensino. Essas diferenças, como anuncia Certeau (2011), referem-se às maneiras de falar, de uso, de andar, de se vestir, muito específicas de cada pessoa ou grupo, e não devem ser aparelhadas a um perfil idealizado de humano e de profissional.

O mergulho com todos os sentidos foi antecedido por uma conversa prévia, através da ferramenta *WhatsApp*, com 03 (três) professores do curso que trabalham com as disciplinas Antropologia e Educação, Ensino de Língua Portuguesa e Educação Especial e Inclusão. Inicialmente, explicitamos a proposta de pesquisa e conversamos sobre a possibilidade de vivenciarmos suas respectivas aulas durante um período.

Esses mergulhos aconteceram às quartas, quintas e sextas-feiras, no período noturno, das 19h às 22h horas. No intervalo de quatro meses, mergulhamos no cotidiano de 10 (dez) aulas da disciplina de Antropologia e Educação. Nas disciplinas de Ensino de Língua Portuguesa e Educação Especial e Inclusão, realizamos 11 (onze) mergulhos, além de nossa participação nos grupos de *WhatsApp* das turmas em que estávamos inseridos, principalmente quando as aulas foram suspensas em função do momento pandêmico provocado pela COVID-19.

⁴ Ação do fraco mediante as estratégias impostas pela razão hegemônica (CERTEAU, 2011).

Nos mergulhos ou voos rasantes (PAIS, 2000) que realizávamos nos cotidianos de cada professor e em suas respectivas disciplinas, tornava-se necessário sentir o que estava além da repetição, das semelhanças entre as aulas, dos conteúdos e das práticas docentes. As singularidades e os modos de fazer de cada professor, na interação com os alunos, exigiam outras maneiras de ver, pois tudo que acontecia nas salas de aula existia a partir de uma história, e para investigá-la, a fim de tecer uma aproximação com o real, foi necessário disposição de olhar além daquilo que já foi visto (ALVES, 2008).

Para capturar todos os sentidos produzidos em sala de aula utilizamos o *Diário de Pesquisa* (DP), recurso metodológico fundamental para questionarmos e lutarmos contra nossas amarrações sobre como fazer pesquisa, aprendida em outros processos formativos de pesquisa.

O DP, visto como instrumento epistemológico e metodológico, no sentido de que é método de investigação e reflexão sobre teorias e práticas cotidianas, ajudou-nos a realizar outros movimentos de escrita que, também, eram movimentos transgressores de se comportar frente aos cotidianos e às práticas de avaliação da aprendizagem. O DP nos ajudou a produzir reflexões, outros sentimentos, relações e conexões provisórias entre os diferentes fatos ou ideias que aconteciam no cotidiano do curso de Pedagogia em que estávamos imersos.

Para Barbosa e Hess (2010), é necessário que, no momento de escrita, para não perder o sentido de DP, percebamos que, além de pesquisadores, somos aprendizes de uma prática em construção, e esta prática relaciona-se com nossos jeitos de dizer, pensar e sentir o mundo. O referido autor recomenda que não é preciso anotar tudo que se observa, mas aquilo que faz sentido, desperta reflexões e cruza o campo da pesquisa, permitindo que o pesquisador perceba a complexidade como parte integrante do seu existir pessoal e profissional. Acrescenta, ainda, que no início a escrita pode acontecer de forma livre e pessoal e, posteriormente, na trajetória, sistematiza-se para tornar-se pública.

A escrita do DP exigiu paciência, pois nossa formação na educação básica e no curso de Enfermagem priorizava uma escrita mecânica, com normas e exigências baseadas em uma linguagem estrutural que não estimula a nossa capacidade reflexiva, nem possibilita uma organização da dimensão consciente do indivíduo, refletindo sua autonomia. Exigiu cuidado, leitura e (re)leitura do narrado, pois não se tratava de mera descrição de fatos acontecidos, mas de uma escrita que representava o sentimento de mundo, a pluralidade do cotidiano – de imagens, de percepções, de angústias, compreensões, relações etc.

Dialogando com os acontecimentos avaliativos desviantes

Para reconhecermos os *acontecimentos avaliativos* nos cotidianos do curso de Pedagogia da UERN/Campus Central, realizamos mergulhos com todos os sentidos (ALVES, 2008) nestes espaços-tempos *pensados* e *praticados* pelos professores e alunos das disciplinas de Antropologia e Educação, Ensino de Língua Portuguesa e Educação Especial e Inclusão.

Inseridos nesses cotidianos, docentes e discentes das referidas disciplinas vivenciaram múltiplas experiências de construção de conhecimentos, de práticas avaliativas previstas e não previstas, além do conjunto de negociações realizadas pelos praticantes que, em nossa interpretação, constituíram-se em acontecimentos avaliativos. Esses acontecimentos somente foram possíveis de capturar pelo *sentimento de mundo* que aprendemos a desenvolver com Alves (2008). Para a referida autora, sentir o mundo não é apenas olhá-lo de fora, como observador, soberbamente, do alto ou de longe, mas implica na disposição de olhar além daquilo que já foi visto, buscando variedade de sons, cheiros, paladares, textura etc.

Durante os mergulhos, registramos no DP o sentimento de mundo, para não perder de vista movimentos e táticas operacionais criadas pelos praticantes, que logo depois traduziríamos em *acontecimentos avaliativos*. Envolvidos com e naqueles cotidianos, estávamos atentos às falas, às metodologias, aos conteúdos trabalhados, aos diálogos em sala de aula (e nos corredores, durante os intervalos) e aos grupos de alunos que se organizavam nos espaços de convivência. Assim, foi possível experienciar movimentos *outros* de avaliação da aprendizagem na universidade.

Pensando a avaliação da aprendizagem como um processo que ocorre continuamente em sala de aula e nos demais *espaços-tempos* da formação acadêmica, selecionamos para esta reflexão trechos do DP que revelam maneiras diferenciadas de conduzir a avaliação da aprendizagem no curso de Pedagogia, consideradas, em nossa reflexão, como práticas desviantes de caráter democratizantes e emancipatórias.

No mergulho realizado na aula da disciplina Ensino de Língua Portuguesa, percebemos que a professora Margarida⁵, trabalhando o conteúdo “Letramento Digital”, empreendeu outra maneira de avaliar a aprendizagem dos estudantes. Utilizando *emojis*, a professora conseguiu uma maior participação e envolvimento do grupo, associando uma linguagem cotidiana da informática ao trabalho em sala de aula.

Apresentação de seminário, era a atividade prevista para este dia, e o grupo responsável pelo tema ‘Letramento Digital’ iniciou com a exposição de *emojis*, perguntando aos colegas de sala o significado de algumas daquelas imagens. Explicaram que os *emojis* são formas de comunicação (nesse momento os colegas foram bem participativos, expondo suas compreensões). Falaram sobre diferenças entre comunicação formal e informal, trazendo exemplos de seus cotidianos. Um dos expositores do seminário trouxe outro exemplo de comunicação informal, a conversa no *whatsapp* – prática muito utilizada na atualidade pela maioria da população. Ressaltou que nessas conversas, as palavras são substituídas por *emojis*, servindo para distinguir emoções – admiração, raiva, alegria etc. (DP, 13 fev. 2020, UERN/Campus Central).

A maneira de relacionar os *emojis* com o conteúdo trabalhado revelou-se inventiva, pondo em evidência usos sociais contemporâneos de linguagem. Como se tratava de imagens bem comuns nos cotidianos dos envolvidos, a participação foi mais efetiva e envolvente, mobilizando outros sentidos que, costumeiramente, estão fora dos momentos de avaliação. Os seminários, enquanto estratégia metodológica do trabalho docente, são desenvolvidos pelos

⁵ Os praticantes colaboradores da pesquisa preferiram não ser identificados com seus nomes de registro oficial.

alunos, taticamente – usados inventivamente. Nessa invenção cotidiana, emergem processos criativos que se caracterizam como *acontecimentos avaliativos*. Aquilo que é dado para consumo é taticamente usado pelos praticantes como maneira de driblar a imposição hegemônica.

Nota-se que a avaliação definida a priori é o seminário, que tem uma sequência a ser trabalhada e desenvolvida pelo grupo responsável, o que, segundo o relato, não deixa de ser cumprido. Contudo, ressalta-se nesse processo o entrecruzamento de diferentes experiências que são postas em articulação para produzir sentidos dilatados para além do esperado. As linguagens ordinárias vividas pelos praticantes do seminário atravessam a formalidade da proposta de avaliação inicial, revelando astúcia e criatividade pedagógica. Em diálogo com o filósofo da linguagem Wittgenstein, Certeau (2011, p. 66) afirma que “Qualquer outra coisa só é levada em conta como linguagem por analogia ou comparação com o aparelho da nossa linguagem ordinária”.

Deste modo, compreendemos que há uma espécie de construção/demolição de um lugar “eleito” da linguagem. Nesse sentido, a construção acontece pela interação entre a linguagem especializada, gramaticalmente institucionalizada, e uma linguagem ordinária, caracterizada pelo uso cotidiano de seus praticantes.

Outro aspecto percebido e destacado nessa mesma atividade foi a participação mais intensiva dos estudantes. Sendo a participação uma das características da avaliação democratizante e emancipatória, reconhecemos que essa prática docente-discente sobre letramento digital possibilitou não somente uma outra maneira de avaliar, mas também evidenciou *emoções* enquanto princípio fundante no momento de *ensinar-aprender*.

Nas abordagens atinentes à avaliação da aprendizagem de caráter democratizante, a construção de conhecimentos não se restringe apenas à aferição dos conteúdos trabalhados e à dimensão cognitivo-instrumental do saber, mas põe em jogo um conjunto de ações não-autorizadas (CERTEAU, 2011), exigindo dos professores maneiras *outras* de acolher essas práticas e de resignificá-las. De acordo com o referido autor, entende-se por não-autorizado tudo aquilo que é astutamente, pela ausência de um próprio, reinventado para atender às necessidades e urgências dos praticantes em seus cotidianos, quando estes não têm à sua disposição os artefatos exigidos pela norma. Os praticantes, submetidos à condição de dominados, não são percebidos e nem se percebem passíveis e dóceis, mas, diferentemente do que se pensa, criam mil maneiras de caça não autorizada – manipulações ou gestos de ruptura que os definem e, quiçá, emancipam-nos.

Em outro trecho do DP, reconhecemos mais uma prática docente que nos remete a uma outra maneira de desenvolver a atividade avaliativa envolvendo os alunos e fazendo-os produzir conhecimentos de maneira dilatada. Os processos de avaliação são determinados como uma atividade que mobiliza, no âmbito das relações interpessoais, um conjunto de saberes necessários à formação da linguagem, como: sequência, intertextualidade, retórica, escrita etc.

[...] a professora fez a leitura do texto produzido coletivamente pelos alunos. A atividade consistia em continuar a história começada por um deles, mas para isso era preciso ler o que o colega anterior já tinha escrito. Logo após a leitura do texto completo, a professora explicou que o objetivo da atividade era fazê-los ler o que o outro já havia escrito. Assim, estimularia a leitura, compreensão, escrita e criatividade (DP, 12 mar. 2020, UERN/*Campus Central*).

A maneira de conduzir a atividade sobre leitura e escrita utilizada pela professora demonstra, à luz da reflexão cereteuniana, duas dimensões que se entrelaçam: estratégia e táticas operacionais. No primeiro caso, a professora planejou e executou a atividade, de modo a fazer os alunos participarem da leitura e da escrita coletiva, ato didático ocorrido com sucesso. No segundo caso, identificamos que os estudantes construíram astutamente o texto, levando em conta processos de imaginação próprios e enredados das suas experiências.

Ajuda-nos neste processo de compreensão a “lição de escrita”, em Jean de Léry (1578), realizada por Certeau (2010), sobre um buraco no tempo que é a ausência de sentido. A atividade proposta pela professora está cheia de “buracos” no tempo (no ainda não texto), e somente a partir da colaboração singular de cada praticante é possível atribuir sentidos. É, na linguagem oral e escrita, que as tradições advindas do ordinário ganham sentidos plurais de uma cultura que é sempre plural.

Assim, consideramos que o uso da experiência cotidiana se revela um *acontecimento avaliativo*, visto que tanto a professora como os estudantes permitiram-se a um diálogo produtor de múltiplos conhecimentos, sem se fecharem no dualismo entre resposta certa ou errada. Na atividade, não há interesse na previsibilidade e em resultados exatos como se prioriza em algumas práticas avaliativas de aprendizagem.

Na referida atividade, estiveram envolvidos alunos do oitavo período do curso de Pedagogia, que na ocasião estavam em campo de Estágio Supervisionado Obrigatório. Ao acatarem a atividade, reconheceram que esta é uma possibilidade de trabalho didático a ser desenvolvido com suas turmas de estágio. Dessa forma, assumimos que o ato avaliativo produziu aproximações, no contexto da formação inicial de professores, estreitando a relação *teoria-prática*.

Nesse contexto, os cotidianos de sala de aula ainda se revelaram, nos registros feitos no DP, como processo invencionado na e pela prática. Em outro registro, no primeiro dia de aula, a professora de Ensino de Língua Portuguesa apresentou o programa geral da disciplina e explicou como as avaliações aconteceram.

A primeira avaliação será escrita, acompanhada da elaboração de um vídeo que seria explicado posteriormente. A segunda avaliação será a apresentação de oficinas de letramento organizadas em grupos. E a terceira avaliação será uma exposição do material didático produzido durante a disciplina e as experiências do estágio supervisionado com Língua Portuguesa (DP, 07 nov. 2019, UERN/*Campus Central*).

Estrategicamente, a professora planejou 03 (três) tipos de avaliação de aprendizagem com características bastante democráticas, especialmente no que se refere às oficinas de letramento e à exposição de materiais. Agindo dessa maneira, garante aos estudantes processos de criação e de autonomia da aprendizagem, viabiliza que uma diversidade de procedimentos seja fabricada pelos alunos, rompendo com a concepção e com a prática de avaliações mais reguladoras de conhecimentos disciplinares.

Nesse sentido, as avaliações *pensadas/praticadas* pela professora estão, de acordo com a perspectiva teórica dos estudos cotidianos, intimamente relacionadas à inclusão e ao reconhecimento da diversidade, pois a lógica heterogênea passa a prevalecer no processo formativo do curso. Para Esteban (2013), a formação de professores não deve ser homogênea ou técnica, pois o profissional docente enfrentará em sala de aula diversos desafios que estão implicados na diversidade, nos dilemas e nas particularidades dos seres humanos.

Entendemos que, nos cotidianos da universidade e dos cursos de formação de professores, assim como acontece no dia a dia, não existe uniformidade total, pois a vida é composta por diferentes singularidades, e a avaliação não pode ser uma prática técnica e uniforme, excluindo as reais necessidades dos envolvidos e suas visões de mundo.

Quando se trabalha nesta perspectiva do acolhimento da diversidade, o processo de avaliação passa a ser um momento de reflexão, espaço para ouvir o outro, gerando dissensos e consensos que traduzem a complexidade da sala e do movimento de aprender e ensinar em um curso de formação de professores.

A professora quer compreender o olhar dos alunos sobre a avaliação, querendo saber a opinião, como se sentiram ao planejar e apresentar uma aula, levando em consideração pontos positivos e negativos. Os alunos começaram a falar e colocaram que se sentiram um pouco inseguros, e que foi pouco tempo para apresentação, mas que teve muita interação da turma, bem participativa. Ficaram em dúvida se usariam a linguagem para os alunos do quarto ano ou para alunos de universidade e que essa estratégia tinha ponto positivo, pois eles utilizariam os planos desenvolvidos em sala de aula na prática dos estágios e o resultado foi bom, pois se sentiram mais seguros e confiantes (DP, 05 mar. 2020, UERN/Campus Central).

Neste trecho, fica evidente que existe uma preocupação da professora com a aprendizagem de seus alunos, objetivando reconhecer as dificuldades e o desempenho no contexto em que estão inseridos. O diálogo, enquanto abordagem metodológica democratizante, revela coragem epistemológica da professora, aventurando-se na imprevisibilidade que as redes de conversação podem conduzir. O que é feito com e a partir dos diálogos escapa à prescrição e a propostas reguladoras, possibilitando que os desvios aconteçam e produzam, como em uma rede, problematizações, ligaduras e interdependências. Não há um resultado “bom” ou “ruim”, pois o que se produz são múltiplos resultados decorrentes das tantas conversas, argumentos e conexões estabelecidos.

Outras práticas avaliativas com esse caráter democratizante e dialógico foram reconhecidas na/com a disciplina de Educação Especial e Inclusão. O envolvimento dos

estudantes com as discussões teóricas propostas pela professora é explicitado no momento de relacionar *prática-teoria*, conforme narrativa de aula feita no DP sobre atividade em grupo encaminhada pela referida docente.

Então, para conhecer melhor na prática o que havia estudado, o grupo levou dois convidados, uma mãe e um filho autista, representando a associação de pais de autistas de Mossoró/RN. A mãe trouxe a realidade de seu cotidiano, de como descobriu o Transtorno do Espectro Autista (TEA) em seu filho, como é seu dia-a-dia, os avanços, retrocessos e a dificuldade que foi conseguir inserir o seu filho no espaço escolar. Uma história de vida muito difícil, que prendeu a atenção de todos os alunos da sala, inclusive a minha. Após a fala da mãe foram surgindo muitos questionamentos e dúvidas (DP, 07 fev. 2020, UERN/*Campus Central*).

[...] J. V. é aluno da UERN e teve paralisia cerebral... participou da aula para contar um pouco sobre como foi sua vida na escola, como acontecia inclusão ou exclusão. Ele colocou sua história de vida de forma muito espontânea e alegre, pois a cada dificuldade que enfrentou contava com uma leveza e sorriso no rosto as superações... nesse momento veio a minha mente, a seguinte reflexão: como tanta dificuldade o fez mais forte e o conduziu chegar até a universidade? J. V. deixou claro que sofreu preconceito na escola, mas não deixava se abater por isso, porque sempre lidava com essas questões de maneira insignificante em sua vida (DP, 14 fev. 2020, UERN/*Campus Central*).

A ideia de acolher como convidados pessoas com deficiência, para conversar sobre suas histórias de vida, representou uma ruptura com os modos didáticos de abordar o conteúdo teórico previsto na disciplina. As experiências narradas pelos convidados envolveram todos os alunos da sala, despertando em cada um deles a sensibilidade humana, característica cada vez mais rara entre os indivíduos na sociedade e esquecida em processos de formação de professores.

Percebíamos, nos olhos dos estudantes, especialmente a partir do segundo relato, a indignação e o envolvimento com a história de luta daquele aluno com deficiência. As questões variavam entre indignação e alternativas de como proceder frente às demandas apresentadas pelo convidado.

No momento da atividade avaliativa, a inclusão do outro e sua narrativa constituem-se tática operacional docente que insere uma rede de saberes, afetos e visões não convencionais nos currículos dos cursos de formação de professores. Por muito tempo, pessoas com deficiência foram consideradas “os infames da história”, como afirma Lobo (2015), os sem fama, sem notoriedade, ou qualquer eficiência. No contexto da vida comum, ordinária, esse grupo foi muito mais excluído dos processos sociais e culturais. Evidenciá-lo em um contexto de formação profissional docente não é somente uma caça não-autorizada, mas também coragem política e epistemológica docente.

Durante o processo avaliativo, os alunos envolviam-se com a apresentação de seus colegas, possibilitando discussão e reflexão sobre os temas abordados, além de formá-los para situações dessa natureza (o trabalho com pessoas com deficiência), que poderiam encontrar enquanto estagiários e/ou quando viessem exercer a profissão de professor.

Ainda na disciplina Educação Especial e Inclusão, a professora, com o objetivo de aproximar seus alunos à realidade das pessoas com deficiência e tomando por base as vivências dos trabalhos em grupo, propôs a continuidade dos contatos com pessoas com deficiência por meio de entrevistas a serem realizadas com elas ou com familiares destas. O *acontecimento avaliativo* nesta narrativa consiste, portanto, no desdobramento feito a partir de uma atividade avaliativa anterior, sem a qual a professora não teria despertado para realizar uma nova proposta de exercício.

A Professora Esmeralda inicia falando sobre a terceira avaliação. Explica que a atividade consiste em realizar uma entrevista com a família e/ou com aluno universitário com deficiência: na família, na escola, no mercado de trabalho/sociedade, realizando perguntas sobre seu cotidiano, requerendo deles as dificuldades que enfrentam assim como as possibilidades existentes. Indagar, se a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) modificou algo na vida deles. A professora deixa os alunos bem à vontade para elaborarem questões norteadoras da entrevista. Explica também que, logo após a entrevista o grupo deveria produzir um resumo expandido baseado nas questões e respostas da entrevista. A professora disponibilizou o modelo de resumo e orientou sobre a entrega no último dia de aula, enfatizando que haveria uma apresentação em sala de aula sobre como foi o processo de entrevista, destacando pontos principais do trabalho (DP, 13 mar. 2020, UERN/Campus Central).

Neste relato, a professora utiliza-se de táticas, a partir de seu cotidiano docente em sala de aula, para produzir conhecimentos. Ademais, como processo articular, emergiram os *acontecimentos* que são compreendidos nessa poética da relação com os estudos dos cotidianos, por meio de modos diferentes de *fazer-pensar*, distintos do que é imposto pela perspectiva educacional, cuja base é a ciência moderna. Esse *acontecimento avaliativo* colocou os sujeitos envolvidos em contato com situações concretas, reais, do cotidiano, possibilitando que a reflexão produzisse transformação da situação inicial.

Outros acontecimentos foram possíveis de serem percebidos com a retomada do DP, como aconteceu com o mergulho na disciplina de Antropologia e Educação. O professor utilizou, como uma de suas avaliações, a prova escrita, a partir de um dossiê autobiográfico com o tema “O nosso primeiro patrimônio”. Na aula de 11 de março de 2020, foi explicado pelo docente que:

[...] era necessário realizar um exercício de autopercepção simbólica, com a escrita de um pequeno texto respondendo às questões: como você se vê? Como você quer que os outros o(a) vejam? Assim, como deveria escrever sobre a sua antecedência a partir de seu próprio conhecimento e interrogando parentes e amigos, construindo sua genealogia até onde conseguir informações, podendo desenhar/esboçar uma árvore genealógica com os dados que puder obter (DP, 11 mar. 2020, UERN/Campus Central).

Na atividade proposta pelo professor, identificamos que a natureza da avaliação é contínua e democrática, parte da compreensão inicial dos estudantes de como se veem e de como veem os outros. O referido docente não parte do conteúdo conceitual propriamente dito, pelo contrário, busca, na leitura de mundo dos estudantes (de seus cotidianos), fios para tecer reflexões com os conceitos da Antropologia e da Educação. Essa abertura metodológica, partindo da avaliação de conhecimentos/sentimentos de mundo de cada estudante, não

somente democratiza o processo de aprender e de ensinar, evidenciando a avaliação como prática e princípio inclusivo, mas também ajuda o estudante a problematizar sua existência no mundo enquanto ser social.

Sobre esse aspecto, com base na leitura de mundo dos indivíduos, aprendemos com Certeau (2011) que essas leituras ordinárias, inspiradas na vida corriqueira de cada pessoa no mundo, não estão inscritas como linguagem credível no contexto do conhecimento acadêmico-científico. Nesse caso, o professor aposta nessa linguagem ordinária das multidões anônimas, para dela perceber como cada indivíduo estabelece e produz seu caminho no contexto social, histórico e cultural em que vive.

Os *acontecimentos avaliativos* percebidos e destacados decorrem necessariamente do olhar implicado dos pesquisadores com os cotidianos *pensados-praticados*. Capturamos diálogos, desempenhos diários, individuais e em grupo, investigação e negociação entre alunos e professores, táticas que nos fizeram ressignificar concepções aprendidas desde a educação básica.

A diversidade de maneiras avaliativas, desenvolvidas nos cotidianos de sala de aula, expressa-se como potencial, no sentido de possibilitar aos discentes a construção de reflexões críticas, bem como sua autonomia humana e profissional. Desse modo, interpretamos os acontecimentos avaliativos como práticas que colaboram no e com o processo de ensino-aprendizagem, constituindo-se em espaço de reflexão sobre realidades existentes-possíveis.

Conclusões

Foi necessário exercer um olhar sensível e implicado acerca das experiências vivenciadas por docentes, discentes e pesquisadores nos mergulhos realizados nos cotidianos do curso de Pedagogia da UERN. Reconhecemos relações legitimadas e silenciadas, e tentamos enxergar o que nelas estava invisibilizado. Viramo-las de ponta-cabeça, a fim de capturar, nas dobras dos múltiplos acontecimentos avaliativos, o que até então não havia sido considerado válido e significativo nesse processo. O virar de ponta-cabeça foi uma exigência feita a nós mesmos, pesquisadores, nesta empreitada com a abordagem metodológica dos estudos dos cotidianos.

Compreender avaliação da aprendizagem, mesmo no ensino superior, com foco no ordinário dos cotidianos, desafiou-nos a uma hermenêutica plural, complexa, cujos resultados são sempre provisórios, desviantes, porque acontecimentais, mas não menos relevantes, como características de uma avaliação democratizante e formativa.

Como resultado deste envolvimento com as práticas de avaliação no curso de Pedagogia, a partir da abordagem de pesquisas com os cotidianos, inferimos que, na produção de aprendizagens identificadas nas avaliações realizadas em cursos de licenciatura, faz-se necessário reconhecer, valorizar e potencializar as redes de experiências sociais e culturais

dos alunos, assumindo como fundamento a trama da vida em que estão imersos, a fim de evitar processos de exclusão. Identificar nas avaliações apenas a resposta do tipo certo ou errado, ou exigir produções utilizando-se de taxinomias gramaticalizadas não é coerente com uma proposta de educação pública e de qualidade que pode levar à felicidade pública.

A subjetividade e a singularidade de cada estudante, se consideradas, ampliarão as possibilidades de uma aprendizagem implicada, comprometida com a transformação do indivíduo e do contexto social em que vive ou exercerá sua atividade profissional. Quando se valoriza o protagonismo dos sujeitos envolvidos nas práticas pedagógicas, especificamente, nos momentos de avaliação, como percebemos ao longo da pesquisa, os alunos são instigados a tomar decisões de como produzir eticamente suas aprendizagens em relação com as expectativas de vida.

Um dos exemplos vivenciados e registrados no DP, no depoimento de um dos professores colaboradores de que as avaliações seriam realizadas de uma forma leve, tranquila e diversificada, de acordo com o processo de construção de cada estudante, evidencia uma preocupação com avaliações de cunho hierarquizante relativas à formação integral dos pedagogos. Nesse sentido, o objetivo principal do trabalho deste docente, na disciplina de Antropologia e Educação, seria a compreensão dos estudantes com as necessidades sociais e culturais vigentes, a partir da fundamentação teórica trabalhada, e que os resultados construídos pudessem fazer sentido para a vida dos educandos.

Consoante com o princípio de que o caminho se faz ao caminhar, mesmo que devagar, com passos lentos, ressaltamos que foi com esse sentimento que realizamos todo o itinerário da pesquisa. Não tendo como sair ilesos deste processo, o movimento de retomada dos textos, dos livros e dos artigos lidos e relidos possibilitou-nos uma reflexão outra sobre os acontecimentos avaliativos percebidos no curso de Pedagogia, do *Campus* Central da UERN.

Os acontecimentos avaliativos foram interpretados como movimentos de emancipação pedagógica dos estudantes. Embora, algumas vezes, reféns da prática de avaliação reguladora, esses movimentos demonstraram coragem epistemológica e política e diminuíram os abismos existentes entre aquilo que estava posto como limite e suas capacidades criadoras.

Perceber esse conjunto sempre aberto de possibilidades criadas em cotidianos sociais, especificamente no curso de Pedagogia em que realizamos a pesquisa, só foi possível pela escrita desenvolvida no DP, cuja narrativa fora repetida inúmeras vezes, transversada por sensações e sentimentos de angústias que teimavam em surgir durante o processo de (re)leitura.

Como lidar com os próprios sentimentos sem deixar-se sufocar por eles? Escrever e ler o diário foi paradoxal. Em alguns momentos, o prazer surgia, mas, com a mesma instantaneidade, a dor do ato de escrever e a ausência do que escrever prevalecia. Foi entre idas e vindas e envolvidos com o constructo do nosso objeto de estudo que compreendemos a

imprevisibilidade, as circunstâncias, rupturas e emergências enquanto acontecimentos avaliativos.

Com a prática do mergulho com todos os sentidos nos cotidianos do curso e com a escrita do DP, enveredamos por um processo marginal de construir conhecimento, conduzindo-nos à escrita autoral sobre avaliação da aprendizagem no ensino superior.

Referências

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês B.; ALVES, Nilda. (org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2008. p. 13-38.

BARBOSA, Joaquim Goncalves.; HESS, Remi. **O diário de pesquisa: o estudante universitário e seu processo formativo**. Brasília: Liberlivro, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**. Artes de Fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Vozes: Petrópolis, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ESTEBAN, Maria Teresa. **O que sabe quem era?** Reflexões sobre a avaliação e fracasso escolar. 2. ed. Petrópolis, RJ: De Petrus *et al.*, 2013.

LOBO, Lilia Ferreira. **Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis, RJ: DP *et Alii*, 2012.

PAIS, José Machado. **Sociologia da vida cotidiana: teorias, métodos e estudos de caso**. 5. ed. Lisboa: ICS – Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 63, p. 237-280, out. 2002. Disponível em: www.boaventuradesousasantos.pt. Acesso em: 23 mar. 2014.